

CRISE SANITÁRIA

A missão da UnB na pandemia

Recém-formados garantiram suporte valioso e decisivo ao SUS no estágio mais crítico da covid-19. Ferramentas como outorga antecipada de diploma permitiram a atuação de 1.171 estudantes dos últimos semestres letivos

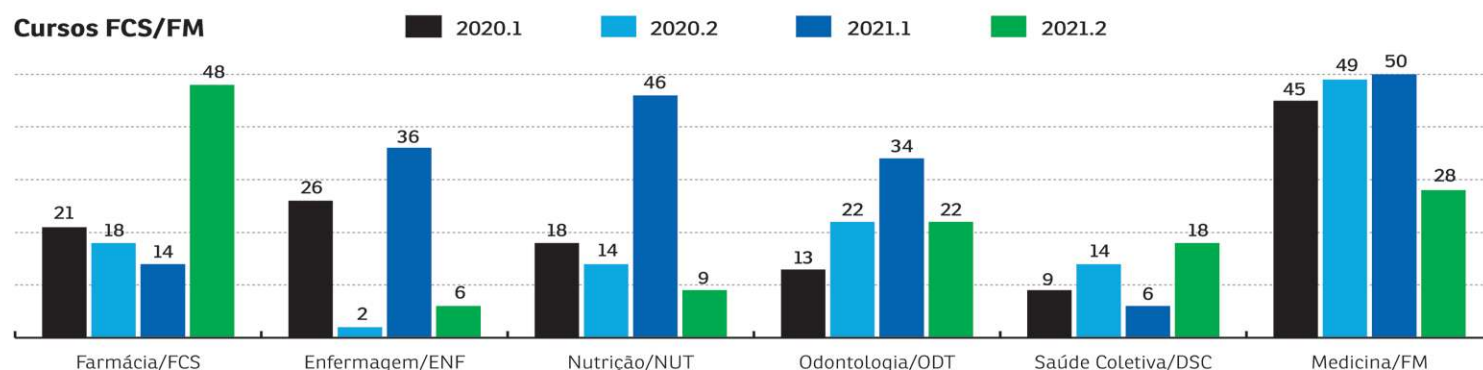
» GIULIA NEVES*

Na linha de frente ou nos bastidores, recém-formados na área de saúde na Universidade de Brasília (UnB) ajudaram profissionais experientes a restaurar forças no ápice da pandemia. Para que essa força fosse viabilizada, no entanto, eles precisavam do diploma. No período em que medidas restritivas tomavam conta do país, a instituição graduou 1.171 estudantes.

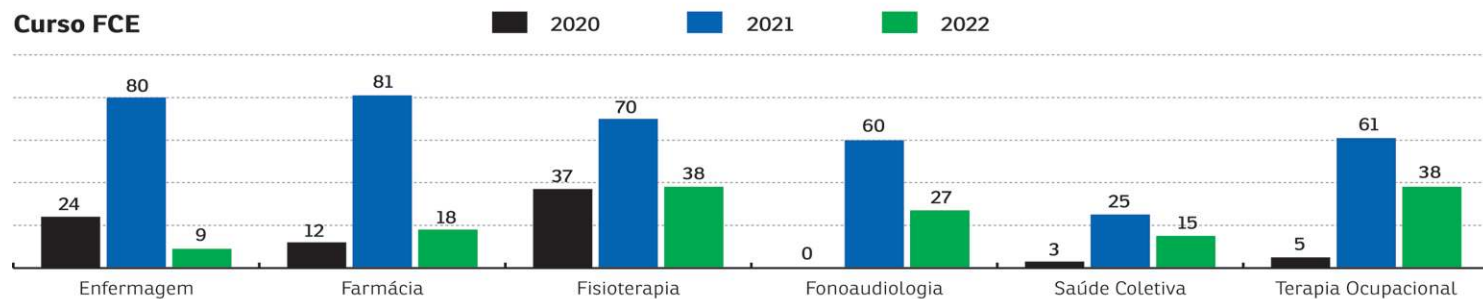
Lúcio Henrique Lopes, 27 anos, figura entre os 50 alunos formados em medicina em agosto de 2021. Ele já estava no internato, estágio obrigatório do curso, quando os primeiros casos de covid surgiram na capital federal. “Ninguém estava preparado. Não houve uma organização, mesmo com a previsão da chegada do vírus. Nós, estudantes, chegamos a pensar se continuávamos ou não no internato, até percebermos que não haveria oferta de equipamento de proteção, os chamados EPIs, para todos. Temendo por seus parentes, o pessoal da minha turma decidiu parar. Logo em seguida, a própria universidade paralisou todos os cursos”, lembra.

No entanto, ao contrário dos outros estágios obrigatórios da área da saúde, o internato não ficou parado por muito tempo. Cerca de três meses depois do início da pandemia, as atividades foram retomadas no Hospital Universitário de Brasília (HUB). A atuação de profissionais recém-formados durante o período crítico, como no caso de Lúcio, só foi possível devido aos esforços das faculdades da

Processo de graduações na UnB



Fonte: Secretaria de Administração Acadêmica (SAA)



Fonte: Faculdade UnB Ceilândia

área da saúde da UnB.

De acordo com o diretor da Faculdade de Medicina, Gustavo Romero, a paralisação do estágio obrigatório foi determinada para adequar o internato ao novo cenário e garantir equipamentos de segurança a todos os internos, já que, durante o período, o HUB se tornou referência para o tratamento de pacientes com covid-19.

“O internato envolve vários cenários, entre eles dois principais: o HUB e as UBS, Unidades Básicas de Saúde. Os estudantes alocados para os estágios são acolhidos e aprendem na prática.

Mas no primeiro semestre de pandemia, todos os cenários foram afetados. O Hospital Universitário passou a ser referência para pacientes com covid. Isso exigiu realocação de leitos, reorganização das equipes e uma imediata necessidade de reduzir o trânsito de pessoas no hospital. Naquele momento, o HUB entendeu que os estudantes não deveriam participar e que deveríamos nos preparar para colocá-los em campo da maneira mais segura possível”, diz Romero.

No estágio, Lúcio já havia passado pela especialidade cirúrgica

Marcelo Ferreira/CB/D.A Press



Gustavo Romero, diretor da Faculdade de Medicina na UnB e pesquisador do Núcleo de Medicina Tropical

e pretendia seguir para a área clínica, quando as atividades foram suspensas. Retornando ao internato, o então estudante atuou no diagnóstico de casos de covid, na atenção primária, mas não foi escalado para o tratamento da doença. Ele também passou pela área de ginecologia e obstetrícia, setor que funcionou durante o ápice da pandemia, mesmo com restrições. Após a graduação, passou a trabalhar em Goianésia (GO), sua cidade natal, em outubro de 2021. Ele conta que a decisão de retornar para a casa dos pais foi motivada pela

possibilidade de conciliar os estudos com o trabalho com carga horária reduzida. Ainda em Goianésia, Lúcio atuou nos programas de orientação sobre o vírus e atendeu pacientes diagnosticados com sintomas leves.

Já a fisioterapeuta Amanda Vaz, 24, atuou de forma direta, durante o estágio, com pacientes que haviam sido infectados pelo vírus. Entre as sequelas tratadas, ela destaca cansaço físico, taquicardia e fraqueza generalizada. Amanda estudou no câmpus Ceilândia da UnB (FCE) durante cinco anos e se formou com